|  |  |  |  |  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- |
| **Seleção 2015.1** | | | | | | **D:\Documentos Internos\Logotipo\logo pet elétrica NOVO!!!!!!!!!! BRANCO.png** |  |
| **PROVA DE PORTUGUÊS** | | | | | |  |  |
|  |  |  |  |  |  |  |  |
|  | **Matrícula:** |  |  |  | **Nota:** |  |  |
|  |  |  |  |  |  |  |  |
|  | **Semestre:** |  |  |  | **Data:** | **/ /** |  |
|  |  |  |  |  |  |  |  |

Leia o texto e responda as questões 1 e 2

**Texto 1**

**Fora de foco**

Deve-se ao desenvolvimento de remédios e terapias, a partir de experimentos científicos em laboratórios com o uso de animais, parcela considerável do exponencial aumento da expectativa e da qualidade de vida em todo o mundo. É extensa a lista de doenças que, tidas como incuráveis até o início do século passado e que levavam à morte prematura ou provocavam sequelas irreversíveis, hoje podem ser combatidas com quase absoluta perspectiva de cura.

Embora, por óbvio, o homem ainda seja vítima de diversos tipos de moléstias para as quais a medicina ainda não encontrou lenitivos, a descoberta em alta escala de novos medicamentos, particularmente no último século, legou à Humanidade doses substanciais de fármacos, de tal forma que se tornou impensável viver sem eles à disposição em hospitais, clínicas e farmácias.

A legítima busca do homem por descobertas que o desassombrem do fantasma de doenças que podem ser combatidas com remédios e, em última instância, pelo aumento da expectativa de vida está na base da discussão sobre o emprego de animais em experimentos científicos. Usá-los ou não é um falso dilema, a começar pelo fato de que, se não todos, mas grande parte daqueles que combatem o emprego de cobaias em laboratórios em algum momento já se beneficiou da prescrição de medicamentos que não teriam sido desenvolvidos sem os experimentos nas salas de pesquisa.

É inegável que a opção pelo emprego de animais no desenvolvimento de fármacos implica uma discussão ética. Mas a questão não é se o homem deve ou não recorrer a cobaias; cientistas de todo o mundo, inclusive de países com pesquisas e indústria farmacêutica mais avançadas que o Brasil, são unânimes em considerar que a ciência ainda não pode prescindir totalmente dos testes com organismos vivos, em razão da impossibilidade de se reproduzir em laboratório toda a complexidade das cadeias de células. A discussão que cabe é em relação à escala do uso de animais, ou seja, até que ponto eles podem ser substituídos por meios de pesquisas artificiais, e que protocolo seguir para que, a eles recorrendo, lhes seja garantido o pressuposto da redução (ou mesmo eliminação) do sofrimento físico.

(O Globo, 21/11/2013)

**1.** O texto acima foi produzido num momento em que se discutia a validade ou não da utilização de animais em pesquisas. Nesse caso, os dois primeiros parágrafos do texto têm a seguinte função:

a) marcar a posição do jornal a favor da experimentação animal.   
b) defender a indústria farmacêutica de críticas injustas.   
c) mostrar o acerto de não se utilizarem animais em experiências.   
d) divulgar o sucesso da pesquisa médica através dos tempos.   
e) valorizar a criação de medicamentos eficientes.

1. Pode-se deduzir da leitura do texto que os que combatem as experiências com animais em laboratórios apoiam-se, entre outros, no seguinte argumento:

a) os animais também têm direitos e um deles é à sobrevivência.

b) há meios artificiais que podem substituir essas experiências.

c) os bichos não podem ser vítimas da busca gananciosa de lucro.

d) só com a eliminação da dor, poder-se-ia permitir as experiências.

e) os homens podem dispensar a grande maioria dos remédios.

1. Assinale a opção que completa corretamente as lacunas do texto abaixo.

A diretora da União Britânica Anti-vivisecção (BUAV), Michele Thew disse que \_\_ organização ainda "tem algumas preocupações com \_\_ tecnologia em geral porque ela também usa animais e células animais, mas nós somos positivos em relação \_\_\_\_\_ que pode reduzir o número de animais vivos em testes".

(*Fonte:* *www.anda.jor.br*)

1. à - à - àquilo;
2. a - a - aquilo;
3. a - a - àquilo;
4. à - a - aquilo;
5. à - a - àquilo.
6. Passando a frase abaixo para a voz passiva, encontramos a forma verbal:

“... pessoas que, como Pasteur, priorizaram a vida humana diante da vida de outros animais.”

* 1. são priorizadas;
  2. foram priorizadas;
  3. é priorizada;
  4. foi priorizada;
  5. era priorizada.

Leia o texto e responda as questões 5 a 9

**Texto 2**

**Escola estadual de periferia: educação para coisa nenhuma**

Para onde irão os meninos e meninas que se formam, neste final de 2005, nas escolas estaduais da periferia? Numa pesquisa da qual participei com estudantes que terminam agora o ensino médio nas escolas públicas do mais abandonado extremo sul da cidade de São Paulo, à pergunta sobre qual curso universitário gostariam de fazer, se pudessem, houve respostas do tipo: “bombeiro”, “telemarketing”, “secretariado”, “autoelétrico”, “auxiliar de enfermagem” e “policial militar”. Ainda que declarações assim tenham vindo de uma minoria, elas são o indício evidente de que uma tragédia sem precedentes está em curso há décadas no ensino público de São Paulo (e do país todo, como se sabe). A maioria absoluta dos alunos não tinha conhecimento a respeito de datas de exame vestibular, mal distinguia universidade pública de universidade privada, não tinha prestado o Enem (Exame Nacional do Ensino Médio) e não sabia direito o que é um curso pré-vestibular.

A maioria absoluta desses jovens na faixa etária entre 17 e 23 anos está se formando para nada, não recebeu o que a Lei de Diretrizes e Bases do ensino define como “educação escolar com padrões de excelência”. O ensino médio, que deveria ter assegurado a eles “a formação indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhes meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores”, manteve-os na escuridão dos semianalfabetos, incapazes de distinguir um curso técnico de um curso superior. Não estão habilitados para as “finalidades específicas” do ensino médio, as quais deveriam ser, no discurso oficial, “desenvolvidas por um currículo que destacará a educação tecnológica básica, a compreensão do significado da ciência, das letras e das artes; o processo histórico de transformação da sociedade e da cultura; a língua portuguesa como instrumento de comunicação, acesso ao conhecimento e exercício da cidadania”.

Essas “finalidades” passam longe das escolas estaduais da periferia de São Paulo, elas que não têm nem princípios nem projetos pedagógicos — são um vazio frequentado por professores insatisfeitos, mal formados e mal pagos; um vazio por onde rapazes e moças vagam, alheios ao fato de que não estão recebendo ali a formação plena dos sujeitos a que teriam direito, num processo de produção contínua de conhecimentos.

[...]

Os jovens que se formam este ano no ensino médio público da periferia não adquiriram, portanto, a “compreensão do significado da ciência, das letras e das artes”, nem tampouco dominam a língua portuguesa culta, que lhes servisse de instrumento para alcançar o desenvolvimento econômico, social, cultural e político — que lhes garantisse direitos básicos de cidadania e liberdade pessoal. Uma das estudantes, no momento da entrevista, soltou a seguinte frase: “Nós veve (sic) só com o salário do meu pai”. Outro aluno escreveu, numa redação, que tinha “comvixssão” de que um dia subiria na vida. Outra escreveu que quer seguir a profissão de “arcteta”.

Para onde vão esses jovens “formados” no ensino médio público? [...]

(FELINTO, Marilene. Escola estadual de periferia: educação para coisa nenhuma. **Caros Amigos**, São Paulo, ano IX, n. 106, p. 9, jan. 2006.)

1. Tendo em vista o sentido global do texto, o seu PRINCIPAL objetivo comunicativo é:

a) divulgar os resultados de uma pesquisa feita com alunos do ensino médio na capital paulista.

b) apresentar as dificuldades dos alunos do ensino médio da periferia paulista para a escolha da carreira universitária.

c) identificar os problemas do ensino médio no extremo sul da cidade de São Paulo.

d) defender que os alunos da periferia de São Paulo devem ter acesso a informações sobre processos de ingresso em universidades.

e) criticar o descompasso entre o discurso oficial proposto nas leis e a prática do ensino médio público.

**6.** De acordo com o texto, as “finalidades específicas” do ensino médio deveriam ser desenvolvidas a partir de um currículo que contemplasse, dentre outras finalidades:

a) o aprendizado de línguas estrangeiras.

b) a língua portuguesa como instrumento de comunicação.

c) o processo tecnológico de transformação da sociedade capitalista.

d) a formação indispensável para o pleno exercício profissional.

e) o acesso ao conhecimento social e virtual.

**7.** Baseando-se na leitura do texto, é CORRETO afirmar que a autora:

a) ignora o conteúdo da Lei de Diretrizes e Bases do ensino.

b) despreza os resultados das pesquisas com os alunos do ensino médio em São Paulo.

c) defende que mudanças devem ser implementadas imediatamente no ensino público do Brasil.

d) admite que, apesar de apenas uma minoria ser desinformada, uma tragédia no ensino está em curso há anos.

e) ressalta que os alunos têm o seu futuro garantido, porque dominam perfeitamente a língua portuguesa culta.

**8.**  Leia as afirmações abaixo:

I. “*Bombeiro*”, “*telemarketing*”, “*auto-elétrico*” e “*policial militar*” são cursos oferecidos pelas universidades brasileiras.

II. Os alunos de ensino médio da periferia paulista estão capacitados plenamente para o exercício da cidadania.

III. As palavras “*comvixssão*” e “*arcteta*” deveriam estar grafadas, de acordo com a norma culta, como “c*onvixão*” e “*arquiteta*”.

IV. Os professores de escolas públicas não têm condições efetivas de oferecer um bom ensino a seus alunos.

V. Os jovens entrevistados não conhecem, em sua maioria, os passos para se alcançar uma universidade.

De acordo com o texto, são VERDADEIRAS as afirmativas:

a) I, III e IV.

b) III, IV e V.

c) IV e V.

d) I e IV.

e) I e III.

**9.** O texto de Felinto aborda a questão da crise do ensino médio nas escolas públicas brasileiras. Assinale a alternativa abaixo que NÃO traz uma constatação dessa crise:

a) “*A maioria absoluta desses jovens [...] está se formando para nada [...].”*

(Parágrafo 2)

b) “*Para onde irão os meninos e meninas que se formam, neste final de 2005, nas escolas estaduais da periferia?*” (Parágrafo 1)

c) “*Essas ‘finalidades*’ *passam longe das escolas estaduais da periferia de São Paulo [...]*.” (Parágrafo 3)

d) “*Para onde vão esses jovens ‘formados’ no ensino médio público?*” (Parágrafo 5)

e) “*[...] manteve-os na escuridão dos semianalfabetos, incapazes de distinguir um curso técnico de um curso superior.*” (Parágrafo 2)

Leia o texto abaixo e responda às questões 10 a 14

**Texto 3**

**OU VOCÊ OU A COBAIA**

Corre o mundo uma campanha em defesa do direito dos animais, pregando o fim de seu uso em testes de laboratório. A imagem que se quer passar é a de que os cientistas são indivíduos sádicos, que usam e matam cobaias inocentes. Há até quem descreva os centros de pesquisa como campos de concentração repletos de instrumentos de tortura para animais. Trata-se de uma visão caricatural que contribui para aumentar ainda mais a ignorância e o preconceito das pessoas diante da ciência.

É provável que essa imagem tenha surgido já no tempo em que Pasteur inoculou a saliva de um cão com o vírus da raiva no cérebro de outro cão, sadio, e verificou que ele contraiu a doença. Para fazer essa experiência, Pasteur teve que abrir um orifício no crânio do cão saudável – um procedimento de fato desagradável, tanto para o cão quanto para o espectador. (...) No dia 6 de julho de 1885, um garoto de 9 anos, chamado Joseph Meister, foi salvo depois que Pasteur injetou o vírus atenuando a doença do pequeno paciente, tendo início ali a técnica de produção de vacinas que salvaria, no futuro, a vida de milhões de pessoas.

(...) O uso de animais ainda é indispensável para garantir a saúde da população vacinada assim como para preservar a segurança de substâncias que compõem os medicamentos. Diminuir ou mesmo banir irresponsavelmente os testes em animais aumentaria ainda mais os riscos de quem precisa tomar remédios. Sem essas pesquisas, quem se arriscaria a ir à farmácia?

Há 40 000 anos os homens viviam, em média 28 anos. Hoje vivem mais de 70. Devemos isso às pesquisas que utilizam animais. No momento em que você estiver lendo este artigo, laboratórios acompanham a evolução de doenças hereditárias em ratos para aliviar, no futuro, o sofrimento dos filhos dos pacientes dessas doenças. Apesar dos ataques às pesquisas que usam animais geneticamente modificados, estamos mais próximos de um tratamento para doenças incuráveis, como Alzheimer, graças ao uso de ratos transgênicos. Quem hesitaria em utilizar animais em pesquisas se pudesse, com isso, aliviar a dor de um familiar portador de uma doença degenerativa e ainda hoje incurável?

(...)

Enfim, não é inaceitável que usemos animais para benefício humano. Inaceitável é ver o homem matar e expor seus semelhantes ao sofrimento por meio de guerras ou pela ignorância que rejeita os benefícios dos avanços da ciência. É bem provável que os defensores dos direitos dos animais acreditem que é uma arrogância do homem moderno colocar-se no centro do universo – pessoas que, como Pasteur, priorizaram a vida humana diante da vida de outros animais. Para mim, essa arrogância tem outro nome: humanismo.

*RAW, Isaias (presidente da Fundação Butantan e professor emérito da Faculdade de Medicina da USP). Superinteressante, n° 5, maio 2001.*

**10.** Na defesa de seu ponto de vista, o autor procura desqualificar aqueles que se opõem à utilização de animais em pesquisas científicas. Aponte a passagem em que isso ocorre.

1. “Enfim, não é inaceitável que usemos animais para benefício humano.”
2. “...os cientistas são indivíduos sádicos, que usam e matam cobaias inocentes.”
3. “...pela ignorância que rejeita os benefícios dos avanços da ciência.”
4. “Há até quem descreva os centros de pesquisa como campos de concentração repletos de instrumentos de tortura para animais.”
5. “No momento em que você estiver lendo este artigo, laboratórios acompanham a evolução de doenças hereditárias em ratos...”

**11.** No título do texto, ocorre a conjunção **ou**. Que tipo de relação ela estabelece?

1. complementaridade;
2. exclusão;
3. alternância;
4. oposição;
5. adição.

**12.**  Apenas uma das alternativas abaixo NÃO funciona, no texto, como argumento a favor das pesquisas com animais. Aponte-a.

1. “Diminuir ou mesmo banir irresponsavelmente os testes em animais aumentaria ainda mais os riscos de quem precisa tomar remédios.”
2. “Há 40 000 anos os homens viviam, em média, 28 anos. Hoje vivem mais de 70. Devemos isso às pesquisas que utilizam animais.”
3. “No momento em que você estiver lendo este artigo, laboratórios acompanham a evolução de doenças hereditárias em ratos para aliviar, no futuro, o sofrimento dos filhos dos pacientes dessas doenças.”
4. “O uso de animais ainda é indispensável para garantir a saúde da população vacinada assim como para preservar a segurança de substâncias que compõem os medicamentos.”
5. “Corre o mundo uma campanha em defesa do direito dos animais, pregando o fim de seu uso em testes de laboratório.”
6. No trecho: "Devemos isso às pesquisas que utilizam animais.", a que se refere o pronome demonstrativo?
7. Ao fato de o homem, há 40 000 anos, viver apenas 28 anos;
8. Às pesquisas que utilizam animais;
9. Ao fato de o homem viver apenas 70 anos;
10. Ao aumento da expectativa de vida;
11. Ao sacrifício de animais.
12. Assinale a opção em que as palavras grifadas pertencem, respectivamente, à mesma classe gramatical das palavras destacadas na frase abaixo.

“Corre **o** mundo uma **campanha** em **defesa** do direito dos animais, pregando o fim de seu uso **em** testes de laboratório.”

1. “Há até quem descreva os centros de pesquisa como campos de concentração repletos de instrumentos de tortura para animais.”
2. “... pessoas que, como Pasteur, priorizaram a vida humana diante da vida de outros animais.”
3. “Inaceitável é ver o homem matar e expor seus semelhantes ao sofrimento por meio de guerras ou pela ignorância que rejeita os benefícios dos avanços da ciência.”
4. “... tendo início ali a técnica de produção de vacinas que salvaria, no futuro, a vida de milhões de pessoas.”
5. “A imagem que se quer passar é a de que os cientistas são indivíduos sádicos, que usam e matam cobaias inocentes.”

Leia o texto e responda a questões 15 a 18

**Texto 4**

O valor do futuro depende do que se pode esperar dele. Portanto: se você acredita *de fato* em alguma forma de existência *post mortem* determinada pelo que fizermos em vida, então todo cuidado é pouco: os juros prospectivos são infinitos. O desafio é fazer o melhor de que se é capaz na vida mortal sem pôr em risco as incomensuráveis graças do porvir. Se você acredita, ao contrário, que a morte é o fim definitivo de tudo, então o valor do intervalo finito de duração indefinida da vida tal como a conhecemos aumenta. Ela é tudo o que nos resta, e o único desafio é fazer dela o melhor de que somos capazes. E, finalmente, se você duvida de qualquer conclusão humana sobre o após-a-morte e sua relação com a vida terrena, então você contesta o dogmatismo das crenças estabelecidas, não abdica da busca de um sentido transcendente para o mistério de existir e mantém uma janelinha aberta e bem arejada para o além. O desafio é fazer o melhor de que se é capaz da vida que conhecemos, mas sem descartar nenhuma hipótese, nem sequer a de que ela possa ser, de fato, tudo o que nos é dado para sempre.

(Eduardo Giannetti, O valor do amanhã, p. 123.)

1. Nesse texto, o autor

a) oferece duas alternativas de raciocínio para o após-a-morte.

b) defende, de qualquer maneira, o investimento na vida física.

c) defende as religiões orientais que propõem a sobrevida do espírito.

d) fala sobre investimentos financeiros a longo prazo.

e) defende a ideia de correr riscos agora, sem a esperança no porvir.

1. O trecho — *e mantém uma janelinha aberta e bem arejada para o além* — pode ser substituído, sem prejuízo para o sentido do texto, por:

a) e mantém, cada vez, uma janelinha aberta e bem arejada para o além.

b) e mantém, tal como, uma janelinha aberta e bem arejada para o além.

c) e mantém, também, uma janelinha aberta e bem arejada para o além.

d) e mantém, salvo se, uma janelinha aberta e bem arejada para o além.

e) e mantém, às vezes, uma janelinha aberta e bem arejada para o além.

1. Assinale a alternativa em que o autor faz uso de sentido não-literal.

a) “(. . .) todo cuidado é pouco (. . .)”

b) “os juros prospectivos são infinitos.”

c) “O desafio é fazer o melhor (. . .)”

d) “(. . .) a morte é o fim definitivo de tudo (. . .)”

e) “Se você duvida de qualquer conclusão (. . .)”

**18.** A alternativa em que todas as palavras grifadas são responsáveis pela coesão do texto é:

a) esperar *dele*, graças do *porvir, ela* é tudo o que nos resta.

b) esperar *dele*, que *se* é capaz, se *você* acredita.

c) o *desafio* é, graças do *porvir*, que a *morte* é o fim.

d) o valor do *futuro*, *forma* de existência, *todo* cuidado é pouco.

e) as incomensuráveis *graças*, ao *contrário*, valor do *intervalo.*

**19.** A palavra *tráfico* não dever ser confundida com *tráfego*, seu parônimo. Em que item a seguir o par de vocábulos é exemplo de *homonímia* e não de paronímia?

a) estrato / extrato

b) flagrante / fragrante

c) eminente / iminente

d) inflação / infração

e) cavaleiro / cavalheiro

**20.** Escolha a alternativa em que o texto é apresentado com a pontuação mais adequada:

a) Depois que há algumas gerações o arsênico, deixou de ser vendido em farmácias, não diminuíram os casos de suicídio ou envenenamento criminoso, mas aumentou: e — quanto ... o número de ratos.

b) Depois que há algumas gerações o arsênico, deixou de ser vendido em farmácias, não diminuíram os casos de suicídio ou envenenamento criminoso, mas aumentou: e quanto! o número de ratos

c) Depois que, há algumas gerações, o arsênico deixou de ser vendido em farmácias, não diminuíram os casos de suicídio ou envenenamento criminoso, mas aumentou — e quanto! — o número de ratos.

d) Depois que há algumas gerações o arsênico deixou de ser vendido em farmácias — não diminuíram os casos de suicídio, ou envenenamento criminoso, mas aumentou; e quanto — o número de ratos.

e) Depois que, há algumas gerações o arsênico deixou de ser vendido em farmácias, não diminuíram os casos de suicídio ou envenenamento criminoso, mas aumentou; e quanto, o número de ratos!